

Formação Continuada Docente em EaD em Tempos de Pandemia: Contribuições para a Prática Pedagógica na Perspectiva da Educação Inclusiva

Continued Teacher Education in Distance Education in Times of Pandemic: Contributions to Pedagogical Practice from the Perspective of Inclusive Education

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v10i2.1230

Annie Gomes Redig^{*1}
Carla Cristina Cardoso Vimercati²
Débora Araujo Ramalho de Freitas Oliveira²
Maiara da Silva Conceição Barreto²
Mariana Traverso da Conceição²
Vanessa Canuto Coelho²

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. São Francisco Xavier, 524 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ. *annieredig@yahoo.com.br

² Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro. Fundação CECIERJ. Praça Cristiano Ottoni, S/N - 6º andar. Centro, Rio de Janeiro/RJ.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o curso de aperfeiçoamento em Educação Especial e Inclusiva, ofertado pela Fundação CECIERJ, contribuiu para a construção de práticas pedagógicas no contexto da educação inclusiva pelos cursistas no formato do ensino remoto. Para tal, utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa com o uso de questionários respondidos por 231 cursistas. Este curso oferecido na modalidade de Educação a Distância, iniciado em março de 2020, sofreu algumas reformulações devido à pandemia causada pela COVID-19. Nesse sentido, o curso auxiliou no desenvolvimento de habilidades para o uso de ferramentas tecnológicas para o planejamento e oferecimento de aulas por meio do ensino remoto, além de formar os docentes na perspectiva da educação inclusiva, possibilitando o repensar da prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Educação especial. Formação continuada. Ensino remoto.



Recebido 16/10/2021
Aceito 27/02/21
Publicado 01/03/2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: REDIG, A. G. *et al.* Formação Continuada Docente em EaD em Tempos de Pandemia: Contribuições para a Prática Pedagógica na Perspectiva da Educação Inclusiva. **EaD em Foco**, v. 10, n. 3, e1230, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i2.1230>

Continued Teacher Education in Distance Education in Times of Pandemic: Contributions to Pedagogical Practice from the Perspective of Inclusive Education

Abstract

This work aims to analyze how the improvement course in Special and Inclusive Education offered by the CECIERJ Foundation contributed to the construction of pedagogical practices in the inclusive education context by course participants in the format of remote education. To this end, qualitative research was used as methodology with the use of questionnaires with 231 course participants. This course offered in the Distance Education modality started in March 2020, underwent some reformulations due to the pandemic caused by COVID-19. Thus, it was concluded that the course helped in the development of skills for the use of technological tools for planning and offering classes through remote teaching, in addition to training teachers in the perspective of inclusive education, enabling the rethinking of pedagogical practice.

Keywords: *Inclusive education. Special education. Remote teaching. Continued education.*

1. Introdução

Um dos desafios da escola na sociedade contemporânea é a escolarização de alunos com deficiência. Apesar de possuímos um vasto aparato legal (BRASIL, 1996; 2008; 2015; 2020, entre outros), essa questão ainda se apresenta complexa no cotidiano escolar. Tal situação se agravou em 2020 com a pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19)¹, na qual a escola precisou repensar seus processos educacionais e suas práticas pedagógicas, principalmente porque as aulas passaram a ser oferecidas de forma remota. De acordo com Costa e Sousa (2020, p. 132), “o ensino remoto, por sua vez, pode surgir a partir de adaptações e traduções pedagógicas. Esse tipo de trabalho não necessariamente é realizado por equipes especializadas na modalidade a distância”.

Neste contexto, a formação continuada docente, para atender as demandas da política de educação inclusiva, também teve que se ressignificar. Mesmo capacitações no formato de educação a distância (EaD) necessitaram revisar e elaborar novas práticas que contemplassem o contexto que a sociedade se encontra.

Nas últimas décadas, a educação dos alunos com deficiência tem se voltado para uma proposta de ensino na perspectiva da educação inclusiva que preconiza que todos os sujeitos com deficiência possam usufruir de uma escola de qualidade com suportes adequados para a sua escolarização, permitindo a esses indivíduos o acesso às escolas regulares e possibilitando o combate das atitudes discriminatórias e a construção de uma sociedade inclusiva.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) orienta os sistemas de ensino a darem respostas adequadas às necessidades dos alunos com deficiência. A inclusão escolar pressupõe que não só o acesso, mas a permanência, a participação e a aprendizagem dos educandos sejam garantidas. A proposta da educação inclusiva não se restringe apenas aos alunos, mas constitui-se como a forma de pensar e agir da escola de maneira a garantir os suportes necessários para o processo de ensino-aprendizagem de todos.

1 Para mais informações, acessar o site do Ministério da Saúde <https://coronavirus.saude.gov.br>

Contudo, com a crise que se instalou devido à pandemia, as escolas se viram em uma situação em que foi preciso repensar a sua organização e, ao mesmo tempo em que os alunos tiveram que se adaptar ao ensino remoto, os docentes tiveram que readequar o seu trabalho de forma a atender as demandas atuais. Muitas vezes, sem familiaridade suficiente com os recursos tecnológicos utilizados na EaD, os professores da educação básica tiveram de se apropriar das ferramentas por conta própria. De acordo com Ferreira e Barbosa (2020), a atividade profissional docente teve que se modificar na migração para o ensino remoto, com o desenvolvimento de habilidades específicas para criação de conteúdos, edições de vídeo e orientações claras para o estudo.

Com isso, vieram à tona muitos dos problemas já conhecidos e que agora, obrigatoriamente, devem ser enfrentados, como a falta de intimidade de muitos docentes para utilizar os recursos tecnológicos digitais na prática profissional. Mais do que inserir as tecnologias no dia a dia, diversos gestores e professores estão precisando aprender ou aprofundar seus conhecimentos sobre o bom uso pedagógico desses recursos. Nesse sentido, estratégias têm sido implementadas a fim de dar suporte a esses docentes de modo que se sintam mais confortáveis a seguir com suas atividades de modo remoto. (MACHIAVELLI; CAVALCANTE, 2020, p. 02)

Nesse sentido, torna-se relevante verificar o que as formações continuadas estão oferecendo aos professores e demais profissionais da Educação. Tomamos como foco o curso de aperfeiçoamento em Educação Especial e Inclusiva (EEI) da Fundação CECIERJ² para professores do estado do Rio de Janeiro com o objetivo de analisar as contribuições do referido curso, a partir da perspectiva dos cursistas (que são docentes tanto da rede privada quanto pública do estado do Rio de Janeiro) na sua prática pedagógica no contexto da educação inclusiva em tempos de pandemia.

Educação Inclusiva e Ensino Remoto

Os sistemas educacionais que atuam na perspectiva da educação inclusiva devem assegurar recursos, estratégias e serviços diferenciados e alternativos para atender às especificidades educacionais dos alunos com deficiência. Desta forma, no ensino remoto foi preciso ressignificar essas ações e passar a usar com mais intensidade nas aulas as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que consistem em um diversificado conjunto de recursos tecnológicos, tais como: computadores; internet e ferramentas que compõem o ambiente virtual como chats e correio eletrônico; fotografia e vídeo digital; TV e rádio digital; telefonia móvel; *wifi*; websites e homepages, ambiente virtual de aprendizagem para o ensino a distância; entre outros (TEIXEIRA, 2010).

Na atual conjuntura do distanciamento social causado pela pandemia, as diversas esferas da sociedade tiveram de se reinventar ou até mesmo parar seus serviços. A educação presencial foi uma dessas esferas e, buscando minimizar os efeitos que poderiam vir da não retomada de quaisquer tipos de atividades, foi adotado o ensino remoto.

Por um lado, assumimos que o ensino remoto não equivale ao ensino presencial, seja pelas precárias condições de vida dos professores, alunos e seus familiares, de acesso, de realização das atividades no ambiente doméstico, de ajustes às especificidades e às singularidades de cada aluno, bem como pelo limite que a ferramenta tecnológica

2 Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação – (SECTI).

impõe sobre as formas de interação e mediação pedagógica. [...] Por outro lado, em exercícios de reflexões, ainda sem um distanciamento e na esperança de perspectivar projetos, tendo em vista o período de excepcionalidade, podemos considerar que as estratégias de ensino remoto podem abrir possibilidades de vislumbrar futuro. De certa forma, o ensino remoto viabiliza a presença da escola na vida dos alunos, mantém a memória da vivência presencial nesse espaço, atualizando as relações já estabelecidas. Cria um elo, mesmo que frágil, entre o aluno e a escola, o que reitera a ideia dela como instituição, por excelência, mediadora dos processos de humanização. (SOUZA; DAINEZ, 2020, p. 11)

Shimazaki, Menegassi e Fellini (2020, p. 02) ressaltam que as medidas do ensino remoto, de maneira geral, ignoraram questões “como a situação de vulnerabilidade socioeconômica, linguística, física e cognitiva dos alunos”. Quando tais condições foram ignoradas, a situação de alunos com deficiência, transtorno do espectro autista (TEA), altas habilidades/superdotação, entre outros que necessitam de um trabalho específico ou direcionado, agravou-se porque a diversidade do aprendizado foi ignorada.

Tornou-se desafiante para a escola pensar em práticas diversas que possam contemplar todos os alunos dentro do que é a proposta de inclusão escolar sem perder de vista o cenário atual em que estamos imersos. A respeito disso, Zordam e Almeida (2020) dizem que é necessário analisar em que sentido ou de quais maneiras a atividade educacional se relaciona com a vida, o que nos traz a preocupação sobre o que tem e de que forma tem chegado aos nossos educandos, sabendo que em muitos casos não há qualquer tipo de acesso garantido. Desse modo, há necessidade de refletir acerca da formação continuada ofertada aos professores uma vez que o que tem sido oferecido aos docentes trará implicações diretas ao que é disponibilizado aos estudantes.

No entanto, não há de se investir somente em formações que tenham por tema o uso de TICs de forma paralela aos outros assuntos/contextos, mas todas as formações continuadas precisam estar atualizadas e contextualizar o ensino que oferecem dando base para o professor repensar sua prática pedagógica e ser capaz de relacioná-la com a sua realidade.

A Formação Continuada em Educação Especial e Inclusiva em Tempos de Pandemia

A chegada da pandemia da COVID-19 trouxe um novo olhar para a Educação e, com isso, os cursos de formação docente precisaram repensar a sua estrutura de modo a contemplar, conforme Garofalo (2020), ferramentas de colaboração, como videoconferências e aplicativos de mensagens instantâneas, e ferramentas de interação, como fóruns e e-mails, porque uma vez que as formações continuadas implementam o uso de tais ferramentas, que eram comuns na EaD, ensinam os professores a utilizá-las, o que atribui a esses cursos maior responsabilidade neste período de ensino remoto. Na medida em que este período pandêmico se estende, aumenta, por exemplo, a importância do uso de diferentes recursos tecnológicos com a finalidade de oferecer aos alunos um ensino claro, coeso e dinâmico, que atenda às exigências do momento.

Os professores veem-se no desafio de reinventar suas práticas, distanciando-se de metodologias do ensino presencial, que inicialmente foram completamente adotadas remotamente, para novas práticas que contemplem uma dinâmica mais próxima da EaD. Segundo Tozetto (2017, p. 24.543) “para que realmente se efetive uma formação continuada do docente que o considere como sujeito histórico, social, político e cultural, é preciso que esta se dê num movimento dialético de construção e de reconstrução da cultura e do conhecimento.”. Logo, as formações continuadas para docentes precisam considerar o

contexto em que estão inseridas, promovendo diálogo com a realidade de maneira a rever e reavaliar em quais medidas têm sido significativas para que os professores elaborem práticas pedagógicas que contemplem as demandas do momento. Esse movimento deve se dar ao longo do percurso formativo, possibilitando a construção e reconstrução dos saberes de maneira que sejam aplicáveis e efetivos.

Devido à pandemia, mesmos os cursos na modalidade da EaD precisaram repensar sua estrutura de organização e funcionamento, visto que, tanto os docentes do curso quanto os cursistas estão imersos no contexto em que se encontra a sociedade, a de distanciamento social. E, por compreender a atual realidade, o curso de aperfeiçoamento em EEI para professores da Educação Básica do estado do Rio de Janeiro, oferecido em sua terceira edição pela Fundação CECIERJ na modalidade EaD, com início em março de 2020 e previsão de término em dezembro, com carga horária total de 180h, teve de sofrer modificações na organização e oferta de seus conteúdos, como forma de atender às exigências e necessidades do momento. O curso lida com professores que tiveram suas casas divididas em espaço familiar e espaço de trabalho, mães e pais que tiveram que lidar com o ensino dos próprios filhos em meio a muitas outras demandas como a saúde de familiares idosos, o aprendizado do uso da tecnologia como ferramenta de trabalho, entre outros fatores. Para tanto, o curso de EEI implementou *lives*³ no *Instagram*⁴ sobre as temáticas discutidas e relacionadas ao período pandêmico, houve a inserção de *podcast*⁵ compreendendo que a dinâmica das famílias foi alterada, auxiliando na “leitura” do material, vídeos sobre os conteúdos e vídeos com mensagens de motivação, estes com o objetivo de buscar proximidade com os cursistas. Também foram feitas reuniões *online* a cada etapa do curso, tanto com a equipe quanto com os cursistas, para dinamizar a aprendizagem e promover o contato entre todos, além de buscar retorno sobre o resultado das modificações. O calendário de prazos de entrega de atividades foi flexibilizado e ocorreram mudanças nas propostas das atividades das aulas.

Todas essas modificações sugeridas, aplicadas, avaliadas e reavaliadas nos fazem perceber que a Educação tem relação direta com as questões cotidianas. Por consequência, percebemos que a EaD necessitou de uma nova organização metodológica e a formação continuada precisou revisar o currículo objetivando oferecer uma base que atendesse às necessidades do professor neste período. Cabe, agora, analisar como tais modificações auxiliaram diretamente os cursistas nessa nova etapa pela qual a educação tem passado, o ensino remoto.

Metodologia

O estudo consistiu em uma pesquisa de matriz qualitativa, que compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas as quais visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (GATTI; ANDRÉ, 2011). Para investigar as contribuições do curso de EEI na prática docente no ensino remoto, utilizaram-se questionários que, de acordo com Gil (1999), tem por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas.

Optou-se pelo desenvolvimento de um questionário online na plataforma do *Google* Formulário⁶, o curso possui 392 cursistas matriculados, porém apenas 231 responderam ao questionário. Para tal, foi enviado um termo de consentimento livre e esclarecido pela própria plataforma do curso contendo um convite para participação e proposta da pesquisa.

3 *Lives* são palestras ao vivo com a interação de público por meio de mensagens.

4 *Instagram* é uma rede social online para compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

5 *Podcast* é uma forma de transmissão de arquivos de multimídia (no caso do curso foi criando por uma das professoras conteudistas) e que pode ser ouvido a qualquer hora, como uma espécie de rádio virtual.

6 Ferramenta de coleta de respostas, utilizada para pesquisas, avaliações, etc.

Em agosto de 2020, foi enviado o *link* com o questionário *online* composto por 20 perguntas, sendo 17 fechadas e três abertas. As questões foram realizadas com o objetivo de conhecer o perfil pessoal e profissional dos cursistas e as contribuições do curso na elaboração de aulas remotas para o Ensino Básico. Todos os registros recolhidos não pediram a identificação do cursista, sendo tratados eticamente. A partir das informações coletadas no questionário e dos referenciais teóricos sobre a temática da educação inclusiva, formação de professores e aulas remotas, foi realizada a análise dos dados por meio da categorização das perguntas e respostas.

No presente artigo, fizemos um recorte da análise para contemplar os objetivos propostos, de forma a compreender pela visão do próprio cursista, como o curso contribuiu para a construção de aulas remotas para turmas com alunos com deficiência. Vale enfatizar, que o curso é sobre a temática da Educação Especial, ou seja, trabalha diversos aspectos desta área de estudo, ampliando, assim, o conhecimento pedagógico dos cursistas na perspectiva da educação inclusiva.

Perfis dos Cursistas

Para entendermos o perfil do alunado do curso de aperfeiçoamento de EEI, foram feitas algumas perguntas sobre isso. Sendo assim, o questionário foi respondido por 231 cursistas, no qual 207 se declaram sendo do sexo feminino e 24 do sexo masculino. Com relação à faixa etária, 23 cursistas têm entre 20 e 30 anos; 99 cursistas têm entre 31 a 40 anos, 66 cursistas têm entre 41 a 50 anos; 37 cursistas têm entre 51 a 60 anos; e apenas 6 tem idade igual ou superior a 61 anos. A formação dos cursistas revela a busca pelo aprimoramento dos conhecimentos e de sua prática pedagógica.

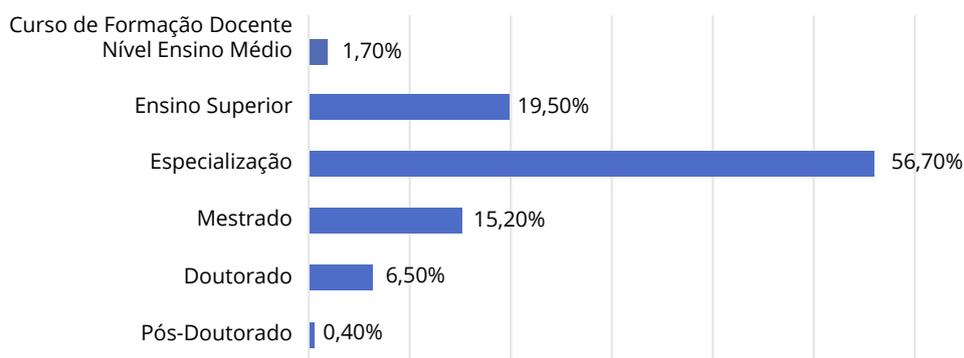


Gráfico 1: Gráfico ilustrativo sobre a formação dos cursistas

Fonte: Elaborado pelas autoras

Ainda seguindo na formação dos cursistas, podemos perceber que, no tocante do ensino, a área de humanas é a de maior fomento, estando representada por 186 cursistas, enquanto a área de exatas, conta com 26 cursistas e a de ciências biológicas com 19. Esse número expressivo caracteriza-se também pelo eixo de atuação desses cursistas. A grande maioria aqui representada compõe o corpo docente da Educação Infantil e das séries iniciais que está diretamente ligado à área de humanas, enquanto os demais cursistas atuam nas disciplinas específicas das suas respectivas áreas de formação ou até mesmo no que tange à multidisciplinaridade.

Do universo pesquisado, o tempo de atuação global é bem expressivo: 30 cursistas estão no máximo há 5 anos atuando na área de Educação; 60 cursistas atuam entre 6 e 10 anos; 87 entre 11 e 20 anos; 27 entre 21 e 25 anos; e 27 cursistas atuam há mais de 25 anos.

Ao indagarmos sobre o segmento de atuação dos cursistas, tivemos um quantitativo de respostas muito superior ao número real da amostra. Isso se deu devido à atuação dos cursistas em mais de um segmento.

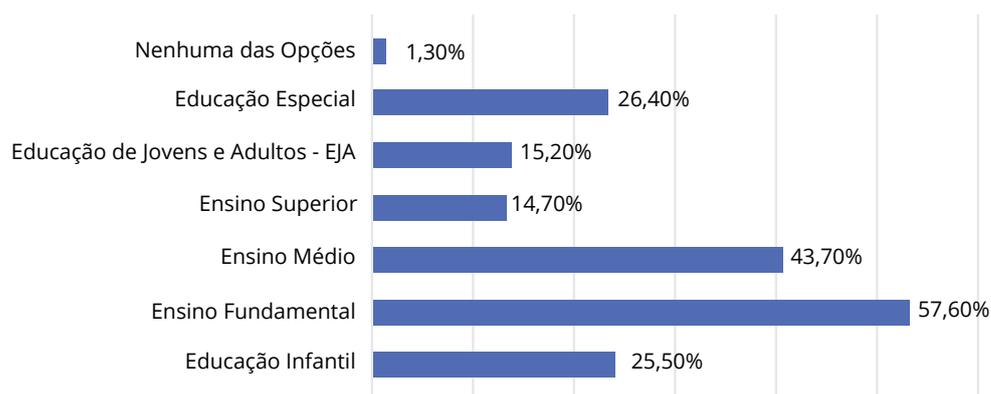


Gráfico 2: Gráfico ilustrativo sobre o segmento de ensino de atuação dos cursistas

Fonte: Elaborado pelas autoras

Não é possível precisar se os números excedentes estão relacionados à duplicidade de atuação na rede de ensino pública ou particular, mas a expressão do número total de respostas traz a reflexão sobre a jornada excessiva de trabalho docente, o que nos faz pensar na necessidade de tempo para planejamento dentro da carga horário de trabalho na escola.

Assim como o questionamento anterior, a pergunta sete conta com um número excedente de respostas ao número da amostra. As respostas ajudam a refletir sobre o cenário anterior, que evidencia a atuação dos cursistas em mais de um segmento.

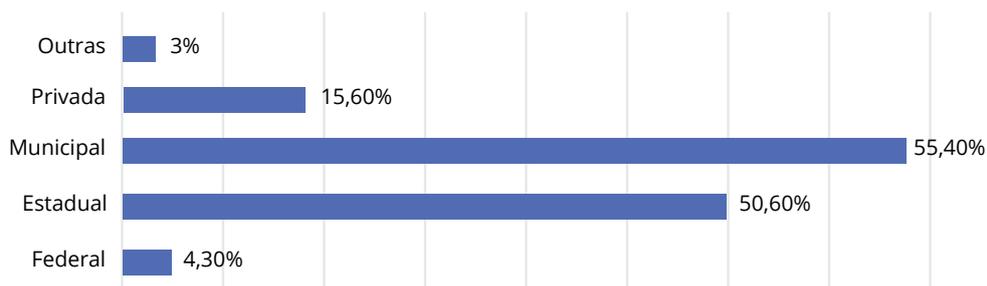


Gráfico 3: Gráfico ilustrativo sobre a esfera de trabalho

Fonte: Elaborado pelas autoras

Não seria diferente o contraste dos números nesta pergunta, uma vez que ela segue o mesmo padrão de questionamentos anteriores quanto à possibilidade de atuar em mais de uma frente na educação. Com relação à função exercida, observamos, mais uma vez, que os cursistas ocupam mais de um cargo e a diversidade do público do curso, pois temos do agente de apoio educacional ao gestor escolar.

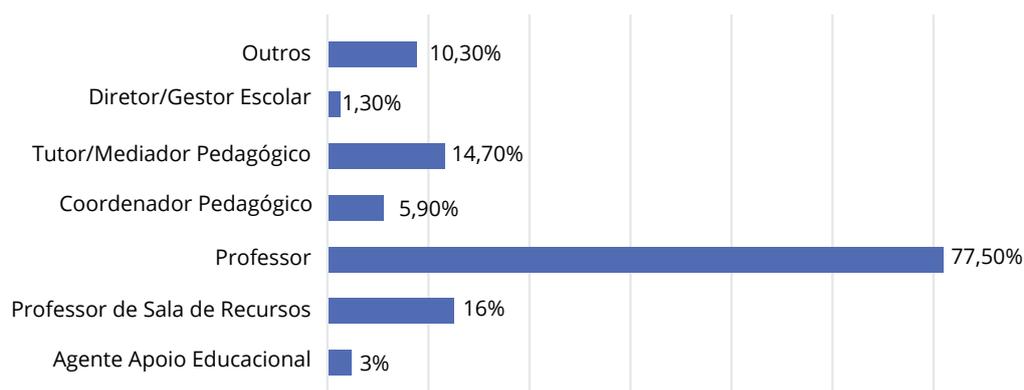


Gráfico 4: Gráfico ilustrativo sobre o cargo que o cursista exerce

Fonte: Elaborado pelas autoras

Contribuições do Curso de EEI na Construção de Aulas Remotas

Para analisarmos as contribuições do curso de EEI na prática pedagógica dos cursistas, precisamos entender o contexto em que eles estão inseridos com relação ao uso da tecnologia e da EaD. Com isso, perguntamos se era a primeira vez que cursavam a modalidade EaD, 179 cursistas responderam que já possuem experiência com EaD e 52 estão tendo contato pela primeira vez. Sendo assim, percebemos que um grande número já tem familiaridade com as ferramentas de EaD e a partir de suas experiências fica mais fácil transpor esse conhecimento para o ensino remoto.

Nas palavras de Soares e Santos (2013, p. 310), “a integração ao mundo tecnológico, midiático e informacional impõe-se como uma exigência quase universal [...] o acesso aos artefatos tecnológicos [...] é, ao mesmo tempo, uma exigência e um direito daqueles que praticam a educação”.

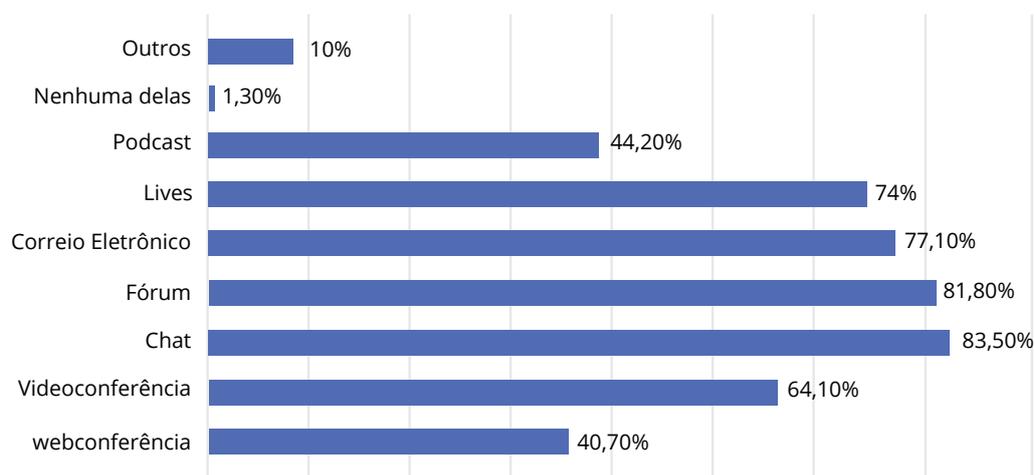


Gráfico 5: Gráfico ilustrativo sobre a utilização de ferramentas tecnológicas

Fonte: Elaborado pelas autoras

De acordo com o gráfico 5, observamos que a maioria dos cursistas tem conhecimento e utiliza recursos da tecnologia no seu cotidiano, porém é preciso entender o funcionamento destas ferramentas para inseri-las na prática pedagógica. Apenas saber usar não é suficiente para utilizar esses recursos como mediadores do aprendizado. Como apontado por Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997), a tecnologia não é uma saída mágica – ela é apenas um “ingrediente” preciso nos esforços de uma reforma educacional.

A nova exigência educacional acabou nos fazendo conceber o ensino remoto como possível, apesar do cenário carente em que nos encontramos. Para além disso, a vontade de ensinar aos alunos com deficiência e compartilhar suas experiências docentes é algo muito visível na formação em EEI, através das trocas nos fóruns, nos encontros síncronos, nos materiais em vídeos, etc.

No contexto atual, 95,7% dos cursistas passaram a lecionar de forma remota. Já com relação se o simples fato de estarem matriculados em um curso na modalidade de EaD e o uso de ferramentas digitais auxilia na produção de atividades remotas, 85,7% responderam que sim e 14,7% disseram que não. Contudo, ao iniciarem as atividades, os cursistas afirmaram que o curso auxiliou no conhecimento e utilização das ferramentas digitais, pois aprenderam a usá-las, e quando a pandemia se instalou, decretando o distanciamento social, já haviam desenvolvido certas habilidades para continuar ministrando suas aulas de forma remota, como podemos verificar nos relatos dos cursistas:

“O curso me ajuda a entender e a atuar de dentro da realidade dos meus alunos”.

“Aprimorou o conhecimento tecnológico”.

“Tive que aprender a participar de videoconferência e webconferências, que foram exploradas no curso. Ao utilizar aplicativos para esse fim pude realizar minhas atividades remotas em tempo de pandemia”.

“Senti mais confiança em buscar outras mídias para trabalhar de forma virtual com os alunos”.

“Foi necessário me aprimorar, buscar novos recursos. Aprender coisas novas”.

“Apreendi sobre ferramentas e mecanismos que eu desconhecia”.

“O EaD demanda de conhecimentos técnicos sobre algumas ferramentas digitais para ser dinâmico e interagir dentro deste espaço”.

“Através do compartilhamento nos fóruns eu conheci algumas ferramentas que passei a utilizar nas aulas remotas”.

“Contribuiu muito, pois tenho adicionado as aprendizagens que adquiro no curso ao meu trabalho e as experiências do meu trabalho ao curso”.

O que se verifica a partir das respostas é que tem sido muito positivo para os cursistas estarem em um curso no formato EaD antes da pandemia, pois com a obrigatoriedade das aulas remotas, tiveram mais facilidades em acessar e utilizar as ferramentas digitais. Assim sendo, percebemos o quanto o curso, quando proporciona a utilização de diferentes recursos, contribui para alterações positivas nas práticas pedagógicas. A readaptação da realidade da sala de aula física para a sala de aula virtual trouxe mudanças significativas na forma de ensinar e de se comunicar. Segundo Kenski (2004, p. 67):

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso.

Com relação se os conteúdos ofertados no curso auxiliaram na prática docente, os cursistas responderam que conseguiram vislumbrar possibilidades de aprimoramento e mudanças na sua forma de ensinar. Para Redig, Mascaro e Dutra (2017, p. 38), “a formação de professores deve ser dialógica, por meio de

percursos formativos, de maneira que a relação teoria e prática fique evidente ao futuro docente”. Seguindo esses preceitos, podemos observar nos relatos dos cursistas que o curso alcançou esse objetivo:

“Participei de uma live pedagógica onde o tema foi inclusão e os recursos ofertados no curso me deram embasamento para falar com propriedade sobre o assunto”.

“Os conteúdos abordados me fizeram refletir sobre a minha prática pedagógica”.

“Serviram como orientação para o atendimento aos alunos”.

“Expandiram a minha compreensão sobre suportes relacionados ao exercício do magistério”.

“O conteúdo e forma de abordagem auxiliarem tanto nos alunos com deficiência como os demais”.

“Tenho alguns alunos com deficiência intelectual e transtorno do espectro autista, a partir de algumas reflexões tenho repensado o planejamento e as atividades para essas crianças”.

“A aprendizagem que venho adquirindo neste curso me fez despertar para uma prática mais consciente com o aluno da sala de recursos; propor ações do cotidiano do aluno”.

Considerando a real importância em aplicar com clareza o conhecimento, bem como propiciar o sucesso profissional e o desempenho significativo dos cursistas, 98,1% afirmaram que as práticas sugeridas no curso fizeram diferença no planejamento das aulas remotas. É fundamental o uso desses recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem e, por isso, o curso de aperfeiçoamento precisou considerar essa questão ao oferecer diferentes estratégias para que o cursista vislumbrasse possibilidades na sua prática. Segundo Fiori e Goi (2020, p. 235), “na ambiência educacional, não se considera mais a ideia de educar sem a intervenção tecnológica”.

De acordo com as respostas dos cursistas sobre quais mecanismos tecnológicos ampliaram suas possibilidades de exercer a docência, eles informaram que:

“Youtube, vídeo aulas, edições de imagens, pesquisas metodológicas”.

“Diversos aplicativos, como Google Teams, editores de textos, redes sociais como WhatsApp, Facebook”.

“Criação de jogos interativos, uso de formulários, produção de vídeos”.

Com isso, percebemos que os cursistas conseguiram vislumbrar funções pedagógicas nos artefatos tecnológicos que estamos acostumados a utilizar no nosso cotidiano, mas não necessariamente usamos como ferramentas de aprendizagem. Acreditamos que os recursos tecnológicos/digitais (*lives, podcast, Youtube, videoaulas*, entre outros) podem se tornar instrumentos que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência, porém é preciso saber utilizar garantindo a acessibilidade para esses sujeitos.

O legado de toda esta questão da pandemia, nos alerta para que os métodos de ensino devam caminhar lado a lado com as tecnologias de informação e comunicação que já se avizinha há alguns anos, mas que estava sendo usada de forma muito particularizada. O que determina os parâmetros de qualidade da educação no ensino remoto é a

prática educativa alinhada com o sistema operacional, que envolve os meios tecnológicos. (FIORI; GOI, 2020, p. 237)

Toda crise traz oportunidades de repensarmos nossos valores, nesse prisma, acredita-se que a crise causada pela COVID-19 esteja oferecendo a chance de experimentarmos novas maneiras de fazer as coisas e questionar velhos hábitos. É hora de “aproveitar a oportunidade” para aprender novas práticas e adquirir novos hábitos.

Conclusões

A transformação digital, muito mais do que uma mudança abrupta que demonstra que os modelos atuais não se aplicam a atual realidade, dita as regras de uma nova cultura, a digital, na qual há necessidade de modernização das formas de ensinar, mas ao mesmo tempo de encontrar um equilíbrio entre o uso da tecnologia e a mediação humana. Essa mudança de hábitos, essa nova cultura, prevê que o uso das novas tecnologias está associado às inovações constantes e permitem a criação de novas soluções. Em uma pesquisa sobre o ensino da Química por meio de plataformas digitais, Fiori e Goi (2020, p. 234) concluíram que:

[...] o uso da tecnologia não significa, necessariamente, que os alunos irão ter um ótimo desempenho nas avaliações. A aprendizagem depende diretamente da compreensão, da utilização dos ambientes virtuais, sem um preceito pedagógico pode não ser tão interessante ao conteúdo que se quer trabalhar. Esta mudança abrupta e improvisada neste período de pandemia, deixará marcas definitivas para o modelo educacional e sem dúvida, poderá alterá-los.

Diante das mudanças no ensino causadas pela pandemia que consequentemente afetou a formação docente, concluímos que as reformulações realizadas, as ferramentas utilizadas e a proposta do curso de aperfeiçoamento juntamente com o conteúdo ofertado contribuíram para que os cursistas/professores que atuam no ensino remoto pudessem elaborar aulas mais compatíveis com o momento atual e proporcionar aprendizado mais significativo para seus alunos.

Mediante as respostas, fica claro que os conteúdos aplicados estão sendo importantes para agregar conhecimentos aos cursistas e o retorno extremamente positivo demonstra que o trabalho segue um caminho de sucesso não apenas no planejamento de aulas no formato remoto, mas na formação continuada para atuar na área da educação inclusiva.

“Gostaria de agradecer a equipe do CECIERJ pelo excelente curso, muito rico em conteúdos e profissionais de excelência”.

“Estou adorando o curso! Ele é de total relevância para minha atuação como docente”.

“Este curso abriu-me um leque de oportunidades e de práticas para me auxiliarem”.

“Concluo dizendo que estou gostando muito do curso. Atualizado e com informações importantes para quem trabalha e quem ainda não teve a oportunidade de trabalhar com alunos da Educação Especial. Só vem a contribuir”.

Nessa direção, concluímos que pelas respostas dos cursistas é possível elaborar aulas na perspectiva da educação inclusiva no contexto remoto, no qual estas aulas precisam ser construídas com acessibilidade pedagógica e tecnológica para todos os alunos, inclusive os que apresentam alguma deficiência. Sendo assim, percebemos que o curso de aperfeiçoamento auxiliou os cursistas/docentes no planejamento de conteúdos e aulas remotas, utilizando diferentes ferramentas digitais para proporcionar a inclusão escolar destes educandos.

Educar em tempos tão controversos requer inteireza, pesquisa, diálogo, coerência para compreender criticamente o que acontece e só então pensar como se posicionar ante ao ato pedagógico, pois a atitude formativa é sobretudo de análise aprofundada da realidade. As narrativas docentes contribuem para o processo de formação de quem narra e também dos interlocutores (FERREIRA, 2014), no momento que propicia a consciência de sua própria trajetória e oferece ao outro testemunho de resistência, de luta e de convicção. (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 20)

Sabemos da necessidade de muitas ressignificações, tanto no nível da educação básica quanto das formações docentes. E nesse sentido, consideramos que ultrapassamos os objetivos iniciais do curso de aperfeiçoamento em EEI que ansiava por contribuir diretamente na formação de professores para atuarem com alunos com deficiência matriculados na turma comum, ou seja, no contexto da educação inclusiva. Na medida em que fomos “atropelados” pela pandemia e, como consequência, pelo distanciamento social, o curso pode ir além contribuindo para planejar aulas no ensino remoto.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9.394/96, 1996.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146
- BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. 2015. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 31/07/2020
- BRASIL. **Decreto nº 10.502 de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida**. 2020.
- COSTA, M. R. M; SOUSA, J. C. Educação a Distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia. **Revista Thema**. Edição Especial. v.18, pp. 124-135. Disponível em <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1832/1535> Acessado em 03/10/2020.
- FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. Disponível em <https://revis-tas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15483/209209213434> Acessado em 03/10/2020.
- FIORI, R.; GOI, M. E. J. O ensino de Química na plataforma digital em tempos de Coronavírus. **Revista Thema**. Edição Especial. v.18, pp. 218-242. Disponível em <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1807/1570> Acessado em 03/10/2020.
- GAROFALO, D. Novas aprendizagens para formação docente com a pandemia. **Ecoa: por um mundo melhor**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/debora-garofalo/2020/04/29/novas-prendizagens-para-formacao-docente-com-a-pandemia.htm>. Acesso em 13/08/2020.

- GATTI, B; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLE, Vivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: teoria e prática**. p.29-38. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papyrus, 2004.
- MANCHIAVELLI, J. L.; CAVALCANTE, P. S. Formação docente continuada baseada em cursos abertos massivos on-line (MOOCs): experiência da Universidade Federal de Pernambuco durante a pandemia pelo Coronavírus. **Anais V Congresso sobre tecnologias na Educação (Ctrl+E 2020)**. pp.1-7. João Pessoa: Paraíba, 2020. Disponível em <https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl/article/view/11446/11309> Acessado em 03/10/2020.
- REDIG, A. G.; MASCARO, C. A. A. C.; DUTRA, F. B. S. A formação continuada do professor para a inclusão e o plano educacional individualizado: uma estratégia formativa? **Diálogos e perspectivas em Educação Especial**. v. 4, p. 33-44, 2017. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogose-perspectivas/article/view/7328> Acessado em 03/10/2020.
- SANDHOLTZ, J. H.; RINGSTAFF, C.; DWYER, D. C. **Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SHIMAZAKI, E. M.; MENEGASSI, R. J.; FELLINI, D. G. N. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em 30/07/2020.
- SOARES, C.; SANTOS, E. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: LIBÂNEO, José Carlos. e ALVES, Nilda (Orgs.). **Temas de pedagogia: diálogos entre currículo e didática**. São Paulo: Cortez, 2013.
- SOUZA, F. F.; DAINEZ, D. Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-17, 2020. Disponível em <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16303/209209213524> Acessado em 03/10/2020.
- TEIXEIRA, E. C. A. Educação e novas tecnologias: o papel do professor diante desse cenário de inovações. **Webartigos**, [S.l.], 24 jul. 2010.
- TOZETTO, S. S. Docência e formação continuada. **Anais XIII Congresso Nacional De Educação. EDUCERE**, Curitiba, 2017. p. 24.537-24.549. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23503_13633.pdf. Acesso em 15/08/2020.
- ZORDAN, P.; ALMEIDA, V. D. Parar pandêmico. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2015481, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em 30/07/2020.